

Iraque pacificado?

20-Nov-2007

A guerra iraquiana já demonstrou que aquilo que parece um imenso sucesso de Bush rapidamente se transforma apenas num momento menos mau de uma guerra, que parece cada vez mais perdida.

O aumento do número de soldados americanos no Iraque (chegaram mais de 30 mil na primeira metade deste ano) está na base de uma onda de optimismo que tem varrido a Casa Branca e a Zona Verde: o aumento da repressão levou a uma diminuição da violência em mais de 50% e um lento regresso àquilo que no Iraque ocupado se poderá chamar uma vida normal.

Estes novos resultados na condução da ocupação são um trunfo político que os partidários da guerra não deixarão de tentar utilizar. Importa por isso lembrar alguns factos resultantes da estratégia da Casa Branca.

Segundo o Crescente Vermelho Iraquiano e a Organização Internacional para as Migrações a violência sectária e o número de deslocados aumentou de forma acentuada com a chegada dos reforços americanos. Em cada bairro e em cada cidade os grupos maioritários, xiitas ou sunitas, tentaram estabelecer a sua supremacia aproveitando o clima de violência proporcionado pela presença de mais 30 mil soldados. Num relatório de Agosto a própria Casa Branca anuncia uma relativa acalmia nos combates entre iraquianos mas admite que esta se deve em grande parte ao desaparecimento das zonas de população mista resultante dos processos de limpeza étnica.

Por sua vez,
o primeiro-ministro Nouri Al-Maliki anunciou
triunfalmente no início
deste mês o regresso
de 7000 mil famílias
a Bagdad como prova
do novo clima
de paz que
se vive no país. Este
número, independentemente
da sua precisão,
deve ser encarado com
a maior suspeição.
A guerra criou uma enorme
vaga de refugiados em
direcção à Síria (1.5 milhões de iraquianos) e à Jordânia (700 mil). A Jordânia estabeleceu limites
rígidos à entrada
de iraquianos há mais de um ano e desde aí a Síria recebeu entre
2000 a
4000 refugiados por dia
tornando-se a principal rota
de fuga à guerra.
No entanto no início
de Outubro o governo
de Damasco fechou as fronteiras aos refugiados e aprovou uma lei que na prática obriga ao regresso
dos iraquianos ao seu país. A decisão
foi tomada após
longa pressão
por parte
de Al-Maliki que considerava que a fuga dos
iraquianos estava a minar os esforços
de estabilização do país.
Assim se alimentam as estatísticas do sucesso
da ocupação à custa
daqueles que são
proibidos de fugir
à guerra.

Por último os falcões
de Washington exultam com a redução do número de baixas
que o exército
americano sofreu nos
últimos meses. É verdade
que o aumento
do número de soldados
no terreno pode ter
levado a resistência
a recuar. Mas
levou também, como
ensinam os manuais de combate
à guerrilha, a um
aumento das buscas
domiciliárias, das humilhações, da tortura, das prisões
e mortes arbitrarias. E isso certamente
alimentará uma nova vaga
de descontentes prontos
a pegar em armas pela liberdade do seu
país.

A guerra iraquiana já demonstrou que aquilo que parece um imenso sucesso de Bush rapidamente se transforma apenas num momento menos mau de uma guerra, que parece cada vez mais perdida.

Rui Borges